

## “Duas Palavras”: *Os Holandeses no Rio Grande* e a invenção da identidade católica norte-rio-grandense na década de 1930<sup>1</sup>

### “Two Words”: *Os Holandeses no Rio Grande* and the invention of the catholic identity in Rio Grande do Norte in the 1930’s

Renato Amado Peixoto\*

#### Resumo

O livro *Os Holandeses no Rio Grande* escrito e publicado pelo Padre Paulo Herôncio de Melo em 1937, além de ter sido a fonte para a beatificação dos Protomártires do Brasil foi também o ponto de partida para a invenção da identidade católica no Rio Grande do Norte. Essa obra pensa os acontecimentos de seu tempo, como o Levante Comunista de 1935 e a Guerra Civil Espanhola, junto com um acontecimento do passado, a Invasão Holandesa e seus personagens, por exemplo, Felipe Camarão. Para isto, *Os Holandeses no Rio Grande* dialogou com livros e pensadores que trabalhavam a regionalidade nordestina e a ideia da Nação, por meio de conteúdos como o Anticomunismo, o Antissemitismo, o Integralismo e o Pensamento Católico. Por conseguinte, entendo que este estudo de caso permite investigar o próprio sentido da História Local e Regional, bem como demonstrar a importância da História da Historiografia para a sua compreensão.

**Palavras-Chave:** Protomártires do Brasil. Felipe Camarão. Luís da Câmara Cascudo. Anticomunismo. Antissemitismo.

---

1 A primeira versão deste texto foi apresentada como conferência de abertura do I Encontro de História e Historiografia do Rio Grande do Norte – Política, Cultura e Sociedade, realizada em Mossoró, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), no dia 5 de novembro de 2013, com o título de “Padre Herôncio e a escritura de ‘Os Holandeses no Rio Grande’: Um exame historiográfico da invenção da identidade católica norte-rio-grandense durante a década de 1930”. Agradeço a Márcia Pilnik e Maria Itália Causin, da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) pela disponibilização e digitalização da primeira edição de ‘Os Holandeses no Rio Grande’. Agradeço também à colaboração de Daniela Araújo Leiras e Patrícia Wanessa de Moraes, minhas orientandas PIBIC, vinculadas ao projeto “O pensamento católico, a atuação política e a intervenção social da Igreja em relação à formulação da identidade e da espacialidade norte-rio-grandense entre 1930 e 1964”, coordenado por mim na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Este, por sua vez, está vinculado ao projeto ‘A Invenção da Terra Potiguar: instituições, intelectuais e agentes políticos na produção da espacialidade e da identidade norte-rio-grandense (1889-1960)’ por meio do qual recebeu apoio financeiro do CNPq e da FAPERN.

\* Doutor em História pela UFRJ. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. E-mail: amado@cchla.ufrn.br

### Abstract

The book *Os Holandeses no Rio Grande* in addition to being the source for the beatification of the Protomartyrs of Brazil, was also the starting point for the invention of the Catholic identity in the state of Rio Grande do Norte. This paper thinks the events of its time, as the Brazilian Communist Rebellion of 1935 and the Spanish Civil War; as well as the events of the past, as the Dutch Invasion and its characters, as Felipe Camarão. In this regard, *Os Holandeses no Rio Grande* dialogued with books and thinkers that worked with the northeastern regionalism and the very idea of the Nation, through contents such as Anti-communism, Anti-Semitism, Integralism and Catholic thought. Therefore, it is believed that this case study allows the investigation of the very meaning of Local and Regional History, as well as to demonstrate the importance of the History of Historiography for its understanding.

**Keywords:** Brazilian Protomartyrs. Felipe Camarão. Luís da Câmara Cascudo. Anti-communism. Anti-Semitism.

O livro *Os Holandeses no Rio Grande*, escrito pelo padre Paulo Herôncio de Melo e publicado em 1937 no Rio de Janeiro, pela Editora ABC, é uma das obras mais importantes da historiografia norte-rio-grandense e, ao mesmo tempo, uma das menos conhecidas pelos seus estudiosos.<sup>2</sup> Já valeria a indicação apenas ao apontar que esse livro foi a origem da caminhada que levou à beatificação dos Protomártires do Brasil, aos quais são dedicados monumentos, templos e feriados municipais e estaduais no Rio Grande do Norte. Porém, a relevância de *Os Holandeses no Rio Grande* para a historiografia é muito maior, uma vez que este livro influenciou diretamente inúmeros escritos, inclusive, de autores de relevância nacional, caso de Luís da Câmara Cascudo, assim como instigou a discussão acadêmica local e regional, por ter estabelecido um padrão de apreciação dos acontecimentos de 1645 nos engenhos Cunhaú e Uruaçu.

Contudo, quero fazer aqui o registro de duas outras tessituras que enriquecem a apreciação historiográfica da obra de Paulo Herôncio. Em primeiro lugar, *Os Holandeses no Rio Grande* foi a base a partir da qual se constituiu a identidade e a espacialidade católica norte-rio-grandense, inventada em contrapartida à produção pernambucana e em sintonia com a da Nação. Em segundo, a obra não oferece ao investigador apenas um inventário dos eventos de Cunhaú e Uruaçu, mas também o diálogo dos intelectuais e do pensamento católico norte-rio-grandense com a produção historiográfica

---

2 HERÔNCIO, Paulo. *Os Holandeses no Rio Grande*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1937.

dos séculos XIX e XX e com os diversos eventos locais, nacionais e internacionais de seu tempo.

Por conseguinte, entendo que o livro de Paulo Herôncio não apenas se coloca como uma obra fundamental para a história e a historiografia do Rio Grande do Norte, mas também se apresenta como um registro interessante para aqueles que desejam empreender um exame da atuação geopolítica da Igreja Católica por meio do caso norte-rio-grandense e como uma fonte que possibilita articular os limites e liames do pensamento católico na década de 1930, especialmente no que se refere ao anticomunismo.

### **Comparando as duas edições de *Os Holandeses no Rio Grande***

O problema a ser enfrentado por aqueles que irão empreender a leitura de *Os Holandeses no Rio Grande* é a grande diferença entre a segunda edição do livro, de 1980, e a edição original.<sup>3</sup> O volume editado pela Fundação José Augusto, pertencente ao governo do estado do Rio Grande do Norte, omite qualquer referência à folha de rosto original em que se via o *Nihil Obstat* da Diocese de Natal e o *Imprimatur* do Bispo Dom Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas. Falta também à mencionada edição todo o último capítulo, “Redenção”, e a maior parte do penúltimo capítulo, “Os terços de Henrique Dias”. Além disso, o prefácio original, “Duas Palavras”, escrito pelo padre J. Cabral, escritor, jornalista e um dos principais porta-vozes do anticomunismo nas décadas de 1930 e 1940, foi substituído por outro, escrito por Helio Galvão, professor universitário, intelectual e político norte-rio-grandense.

Em seu prefácio, Hélio Galvão considera *Os Holandeses no Rio Grande* “uma crônica atualizada” e não uma “obra de historiador”, reflexo da devoção de Paulo Herôncio aos mártires de Cunhaú, Ferreiro Torto e Uruaçu, provada na organização de um certame dedicado a eles, o Congresso Eucarístico de São José de Mipibu. Nesse sentido, Hélio Galvão entendia que teria faltado a Paulo Herôncio uma leitura mais ampla do material bibliográfico então disponível, bem como uma análise aprofundada do “período holandês” remetendo às “lutas que na Europa envolviam o Império de Felipe II e o Reino dos Países Baixos”.<sup>4</sup>

Por sua vez, o prefácio de padre J. Cabral à 1ª edição cuidava de fazer a ponte entre os acontecimentos da década de 1930 e os da ocupação holandesa: os exemplos da resistência aos colonizadores por meio da comunhão

3 HERÔNCIO, Paulo. *Os Holandeses no Rio Grande*. 2ª Ed. Natal: Clima – Fundação José Augusto, 1980.

4 *Ibid.* p. 5.

entre a religião e a pátria serviam para forjar um sentido do nacionalismo em luta contra os “modernos Calabares” que procuravam entregar o Brasil ao comunismo ateu e aos colonizadores soviéticos. Contrapunham-se então, em sua análise, o internacionalismo fraterno de Cristo e a chefia do Papa, centrados no Vaticano, em Roma, ao internacionalismo anárquico e incendiário de Marx e à chefia de Stálin, aquartelados no Kremlin, em Moscou.<sup>5</sup>

Longe de se encaixar na revisão positiva do sentido da colonização holandesa e do papel de Calabar, que era feita no período em que Helio Galvão escreveu seu prefácio, em fins da década de 1970, inclusive, por meio da peça teatral homônima, escrita por Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra, entendendo que a obra de Paulo Herôncio investia em uma interpretação oposta àquela exemplificada no “Elogio da Traição”. As partes faltantes ao corpo do livro na 2ª edição são exatamente as que dão conta da derrota e fuga dos holandeses do Rio Grande do Norte, louvando a benevolência de Henrique Dias em relação aos holandeses, enaltecendo a liderança guerreira de um norte-rio-grandense, Felipe Camarão e seu apego à fé católica. Exaltam também a sacralização da terra norte-rio-grandense pelo sangue dos mártires, *sacrificados por Deus, pela Pátria e pelo Rei*.

Finalmente, na folha de rosto, se apontava que tanto o texto quanto o prefácio de padre J. Cabral eram aprovados do ponto de vista moral e doutrinário pela Igreja norte-rio-grandense e aconselhados para a leitura de todos os católicos pelo seu bispo diocesano.

### **Historiografia e História da Historiografia<sup>6</sup>**

Devemos perceber por essa breve enumeração das diferenças entre as duas edições do livro de Paulo Herôncio que pensar *Os Holandeses no Rio Grande* não é uma tarefa que se esgota no estudo de sua escrita, mas que necessita ser remetida a uma investigação de sua inserção, enquanto produto histórico, em seu tempo, o que nos leva a uma perspectiva de ter de operar

---

5 HERÔNCIO, Paulo. *Os Holandeses no Rio Grande*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1937, pp. 5-7.

6 Busco dialogar com o texto “História da Historiografia como analítica da Historicidade”, de Valdei Lopes de Araújo de modo a poder contribuir na discussão para o estabelecimento da História da Historiografia como subdisciplina no campo histórico. Tentarei aproximar a estratégia da desconstrução ao pensamento heideggeriano entendendo que esta tarefa fez parte do percurso intelectual de Jacques Derrida. Em específico, colocarei minha posição a respeito ao problema da “invenção da história” e apontarei a questão da espacialidade e da espacialização enquanto fundamentais para a discussão em torno da definição da historicidade como a temporalização da temporalidade do acontecer humano. Ver: ARAÚJO, Valdei Lopes de. “História da Historiografia como analítica da Historicidade”. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 12, p. 34-44, ago. 2013.

a partir da desnaturalização das formas de sua apreensão historiográfica, por meio de um exercício que tenha em conta a história da historiografia e, nesse sentido, acredito que se torna necessário esclarecer minhas escolhas.

Metodicamente, entendo que poderia prosseguir com esta tarefa pelo descortinamento sucessivo das formas de cognição que possibilitaram a escrita de *Os Holandeses no Rio Grande*, ou seja, investindo, em um primeiro momento, nas relações que inserem essa obra no rol daquelas que foram produzidas por Paulo Herôncio; buscando, em um segundo momento, compreender as escolhas empreendidas pelo autor na elaboração de sua obra (e. g., fontes, bibliografia) e exaurindo, em um terceiro momento, as relações e diálogos com outros textos, de modo a poder explicitar as condições, formas e funções de sua abertura historiográfica. Se assim o fizesse, de certo estaríamos operando, num percurso que caminha do estudo da escrita para seu estudo crítico – da historiografia à história da historiografia – contudo, acredito que perderíamos algo que procurei explicitar justo no título de nosso texto: a ideia de invenção.

Ainda que a ideia de invenção possa ser questionada como tal, ou seja, nada seria realmente inventado, mas repensado ou reconduzido a partir de um estoque sempre presente e renovado de condições, ou de que a ideia de invenção adviria mesmo do primado de um discurso construtivista e historicizante da própria historiografia, entendo ser necessário colocar este problema – a ideia da invenção – não como uma busca de origens, mas enquanto a procura das condições inaugurais de um *campo de forças* e de certa *relação de forças* que constituíram *uma função* para a história do martírio de Cunhaú e Uruçu. No caso, escolhi prosseguir com esta tarefa investindo por meio da *estratégia da desconstrução* derridiana<sup>7</sup> visando compreender as escolhas de Paulo Herôncio e descortinar as recepções de sua escrita em meio a esse processo.

---

7 Não utilizo a estratégia da desconstrução apenas para compreender o que o poder é, mas para compreender quais poderes podem ser em tais e tais contextos. Neste sentido, entendo que a questão do poder é tão pervasiva, que não se pode isolar o lugar em que se lida com a questão mesma do poder nem com as formas do poder, as quais convivem e se misturam com o Estado e nas diversas lógicas do Estado e acerca do Estado. No caso, utilizando a estratégia da desconstrução, procurarei colocar a relevância de se considerar uma história do espaço na analítica da historiografia, a partir do argumento de que consideramos falsamente o espaço e o tempo como duas possibilidades que temos de comparar ou relacionar, já que são termos conjuntos, a condição do aparecer do ser. Em relação a este argumento, ver: DERRIDA, Jacques. “OUSIA E GRAMME – Nota sobre uma nota de Sein und Zeit”. In: *Margens da Filosofia*. 1ª Ed. Campinas: Papirus, 1991, p. 90-93. Para a estratégia da desconstrução, ver, do mesmo autor: “Hospitality, Justice and Responsibility: A Dialogue with Jacques Derrida” In: Richard Kearney & Mark Dooley (eds.), *Questioning Ethics: Contemporary Debates in Philosophy*. Londres: Routledge, 1999, p. 65-83.

Começo esta jornada aproveitando, mais uma vez, o prefácio de Hélio Galvão para a 2ª edição de *Os Holandeses no Rio Grande*.<sup>8</sup> Como já vimos, Galvão coloca o Congresso Eucarístico de São José de Mipibu enquanto uma prova da devoção de Paulo Herôncio aos Mártires, o que, em seu julgamento, conduziria as escolhas da feitura do livro – uma obra de devoção, realizada nas condições do campo religioso ao qual estava integrado o Catolicismo.

No entanto, como acredito que a compreensão de Galvão se encerra – por conta das posições teóricas e historiográficas dominantes em seu tempo, o início da década de 1980 – na impossibilidade de se pensar o problema historiográfico em uma perspectiva em que a religião fosse compreendida como poder em seu próprio discurso, como se tornou possível depois da virada pós-secularismo (postsecular turn) e, inclusive, a partir de um campo próprio, da *Geopolítica Religiosa* (religious geopolitics).<sup>9</sup>

Por conseguinte, entendo que se devem inverter os termos colocados por Galvão para que possamos pensá-los: a apreciação de *Os Holandeses no Rio Grande* depende da consideração do livro a partir das condições que possibilitaram o Congresso Eucarístico de São José de Mipibu, para, somente em seguida a isso, indagar destas condições qual função poderia possuir a obra de Paulo Herôncio.

#### **D. Marcolino e a “Reestruturação Diocesana”**

O Congresso Eucarístico de São José de Mipibu é uma das cenas principais de um processo que entendo se iniciar com a nomeação de D. Marcolino Dantas para a Diocese de Natal, em setembro de 1929. No caso, D. Marcolino Dantas, religioso de prestígio na Bahia e com trânsito na capital da República, iria inaugurar no Rio Grande do Norte, após a Revolução de 1930, uma política de apoio aos Interventores federais em oposição às organizações familiares destituídas do poder.<sup>10</sup> Esse apoio seria provado já em 1931, quando

---

8 Trabalharemos a partir daquilo que Jacques Derrida denominou de “crítica à formalidade do prefácio”, explorando sua exterioridade e interioridade em relação ao livro e trabalhando o problema de uma historicidade do prefaciador e de sua relação com a temporalidade (ver as notas 6, 7 e 45 deste artigo): “El tiempo es el tiempo del prefacio, el espacio – cuyo tiempo habrá sido la verdad – es el espacio del prefacio”. DERRIDA, Jacques. *Fuera de libros* (Prefácios). In: *La Diseminación*. 2ª Ed. Madri: Espiral/Ensayo, 2007, p. 20.

9 Quanto à discussão sobre a virada pós-secularismo e sobre a Geopolítica Religiosa ver STURM, Tristan. “The future of religious geopolitics: towards a research and theory agenda”. *Area*, Londres, v. 45, n. 2, p. 134-140, jun. 2013.

10 Em relação ao conceito de “organização familiar” e a escolha de sua utilização no caso norte-rio-grandense em substituição à ideia de oligarquia, ver PEIXOTO, Renato Amado. “Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX”. *Revista de História Regional*, Ponta

D. Marcolino Dantas apoiou o Interventor Aluísio Moura contra a tentativa de deposição, orquestrada pelo então tenente Ernesto Geisel, Secretário Geral do Estado e Diretor da Segurança Pública do Rio Grande do Norte e continuamente testado, especialmente nas eleições de 1934 e 1935, quando D. Marcolino Dantas foi alvo de intensos ataques por parte do Partido Popular, agremiação política que reunia a oposição ao interventor Mário Câmara.<sup>11</sup>

Entendo essas posições nos termos de uma reorganização da Igreja Católica na República – a “Reestruturação Diocesana” adequada à nova organização do poder e de espaço, a estadualidade; da subsequente reformulação do pensamento; e da atuação católica que lançou mão dos insumos fornecidos pelo Centro D. Vital – a “Neocristandade”.<sup>12</sup> No caso, considero que a aproximação entre a Igreja Católica norte-rio-grandense e os Interventores federais propiciou a ocasião para que diversos dos seus intelectuais fossem incorporados ao Governo estadual – como o caso de Luiz da Câmara Cascudo; isso criaria as condições para o suporte à Ação Integralista e à Aliança Social – agremiações que reuniam os apoiadores de Mário Câmara; e prepararia a fundação do jornal *A Ordem* – diário oficial da Diocese de Natal.<sup>13</sup>

É necessário ainda apontar a excepcionalidade da situação política no Rio Grande do Norte, que serve para justificar sua relevância como caso de estudo e revestir de especial importância a tarefa de interpretação de *Os Holandeses no Rio Grande*. Neste sentido, o apoio de D. Marcolino Dantas aos Interventores federais e o suporte da Diocese de Natal à Ação Integralista devem ser considerados mediante dois argumentos.

---

Grossa, v. 15, p. 169-193, jun. 2010; PEIXOTO, Renato Amado. “Para além da história política: História e Historiografia: entrevista [dez. 2013]”. Revista *Espacialidades*, Natal, v. 6, n. 5, dez. 2013. Entrevista concedida a Diego José Fernandes Freire et al.

11 Em relação ao termo “Crise de 1935 no Rio Grande do Norte” e a situação da Igreja Católica norte-rio-grandense na década 1930, ver: PEIXOTO, Renato Amado. “A Crise de 1935 no Rio Grande do Norte: a tensão entre as identidades estadual e nacional por meio do caso norte-rio-grandense”. In: *Anais do VI Simpósio Internacional Estados Americanos - Pesquisas acadêmicas contemporâneas*, Natal, UFRN, v. 1, p. 294-301, 2012.

12 Em relação à Reestruturação Diocesana, ver: MICELI, Sergio. *A elite eclesial brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988; e GOMES, Edgar da Silva. *O catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na Primeira República (1889-1930)*. 2012. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012, 344 p. Em relação à Neocristandade e à importância do Centro D. Vital para sua compreensão ver: MAINWARING, Scott. *A Igreja Católica e política no Brasil, 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 1989; e RODRIGUES, Cândido Moreira. *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

13 Em relação à aproximação entre a Igreja Católica norte-rio-grandense e a Ação Integralista ver: PEIXOTO, Renato Amado. “Católicos a postos! A relação entre a Ação Católica e a Ação Integralista no Rio Grande do Norte até o Levante Comunista de 1935”. In: *Anais do IV Encontro Estadual de História*. Natal: ANPUH-RN, 2010.

Primeiro, que o Rio Grande do Norte foi, junto com São Paulo, o estado mais refratário a uma composição com o governo Vargas, o que acarretou no clima de grande violência das eleições de 1934 e 1935, até mesmo porque estas dividiram setores das elites tradicionais, proporcionando a incorporação de temas e questões da política nacional à discussão estadual como, por exemplo, a dissolução da A. N. L. e, finalmente, apresentando novos atores à cena política local, como os comunistas e os integralistas.

Segundo, que o Rio Grande do Norte foi o único estado onde o Levante Comunista obteve sucesso, os revoltosos conseguiram controlar a capital durante três dias e conseguiram, inclusive, expandir a revolução em direção ao interior, onde ocuparam diversas cidades. Além da revolução propriamente dita, esteve em curso ainda uma guerrilha rural na região do vale do Açu, área de monocultura da cana-de-açúcar, que atuou separadamente dos revolucionários e se manteve ativa até 1936.

Este contexto de crise e tensão política e social extrema se sublimaria no Rio Grande do Norte em 1935, opondo abertamente diversos segmentos das elites, instituições e movimentos que buscaram não apenas conquistar o poder político, mas também produzir representações de suas posições. Os vencedores das eleições de 1934 e 1935 buscaram logo tornar pública uma narrativa da resistência dos norte-rio-grandenses contra a violência perpetrada pelos enviados de Getúlio Vargas e, por sua vez, os perdedores procuraram descrever a lisura de seus atos no Governo e de suas atitudes frente ao Levante Comunista.<sup>14</sup>

Era em meio a essa luta de representações em torno da “Crise de 1935” que a Igreja norte-rio-grandense fabricou uma identidade e uma espacialidade que o Congresso Eucarístico de São José de Mipibu teria a função de *fazer representar*.<sup>15</sup>

## O discurso anticomunista católico norte-rio-grandense antes de 1935

Vimos que o prefácio do padre J. Cabral à 1ª edição de *Os Holandeses no Rio Grande* ligava os acontecimentos de 1645 ao combate do comunismo, mas

---

14 Em relação à primeira narrativa ver BARBOSA, Edgar. *História de uma Campanha: Notas, photographias e documentos do ultimo pleito político norte-rio-grandense (1934-1935)*. 1ª Ed. Natal: Imprensa Oficial, 1936; em relação à segunda, ver: MEDEIROS, João. *Meu Depoimento – Sobre a Revolução Comunista e Outros Assuntos*. 1ª Ed. Natal: Imprensa Oficial, 1937.

15 O *fazer representar*, apontado aqui a partir do argumento de que o Congresso Eucarístico de São José de Mipibu foi colocado em meio à luta de representações com as outras narrativas (ver a nota 14 deste artigo), se refere à interpretação derridiana de Khôra, que será exemplificado na última parte deste artigo “Duas Palavras” – ver a nota 45 deste artigo.



como poderia explicar que essa descontinuidade podia se tornar plausível para os homens de 1937? Quais eram as formas de acesso a esse passado que possibilitavam a produção de uma imagem tão forte e convincente?

O discurso anticomunista usualmente tem sido pensado como uma reação ou uma posição contra o marxismo ou contra a ex-União Soviética, contudo, se considerado por meio da aproximação do catolicismo, seria mais prudente pensá-lo como uma reelaboração específica de um discurso mais geral contra a modernidade, que focou sucessivamente no combate ao protestantismo, à maçonaria e à Revolução Francesa, e que recebeu a contribuição de diversos intelectuais no século XVIII e XIX, como Edmund Burke, Louis de Bonald, Joseph de Maistre e Juan Donoso Cortés.<sup>16</sup>

A obra “A maçonaria e os Jesuítas”, escrita por D. Vital Maria Gonçalves, bispo de Olinda, em meio à chamada “Questão Religiosa” pode ser considerada uma das primeiras manifestações desse discurso no Brasil,<sup>17</sup> que seria desenvolvido no século XX por diversos autores, muitos deles influenciados ou ligados ao Centro D. Vital, criado no Rio de Janeiro, em 1922, por Jackson de Figueiredo e que, depois de sua morte, passou a ser liderado por Alceu Amoroso Lima. Um desses autores, com vasta produção também na área da espiritualidade católica, era justamente o padre norte-rio-grandense J. Cabral, que durante quase trinta anos foi diretor do semanário *A Cruz*, da diocese do Rio de Janeiro, e que em 1933 publicou *A miragem soviética* pela Editora Vozes de Petrópolis, um livro centrado no combate ao comunismo.<sup>18</sup> Padre J. Cabral, por várias vezes, representou D. Marcolino Dantas em solenidades no Rio de Janeiro e essa ligação entre a Igreja norte-rio-grandense e o padre J. Cabral persistiu inclusive por razões familiares, que o faziam passar, todo ano, pelo menos um mês no Rio Grande do Norte. Por conseguinte, torna-se razoável apontar que desde antes do Levante Comunista as ideias do Padre J. Cabral influenciavam diretamente o clero e o pensamento católico norte-rio-grandense.

Contudo, outras ideias e vertentes do pensamento católico também se fizeram sentir por meio dos artigos então publicados na revista “A Ordem”, do Centro D. Vital, afinal, não era por mero acaso que o diário oficial da Diocese de

---

16 Em relação à contribuição desses autores para o pensamento católico brasileiro da década 1920 e 1930 ver: RODRIGUES, Cândido Moreira. “Matrizes político-ideológicas da Revista A Ordem”. In: *A Ordem: uma revista de intelectuais católicos*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 23-72.

17 OLIVEIRA, D. Vital Maria Gonçalves de. *A Maçonaria e os Jesuítas - instrução pastoral do Bispo de Olinda aos seus diocesanos*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, 1875.

18 CABRAL, Padre J. *A Miragem Soviética*. 1ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes de Petrópolis, 1933.

Natal também se chamada “A Ordem”. Os artigos da revista eram reproduzidos na íntegra no diário natalense e comentados noutros artigos em que se trabalhavam problemas locais. Estabeleceu-se, assim, desde o primeiro número do diário da Diocese de Natal, um compromisso contínuo de reprodução e de tradução das ideias divulgadas na revista do Centro D. Vital e, como nesta se explicitavam várias das correntes do catolicismo brasileiro, os artigos do diário natalense também tendiam a refletir essa pluralidade de ideias, embora seja interessante fazer notar as origens desse diário para que fique evidente mais uma influência sobre o desenvolvimento do pensamento católico no estado.

Ainda que o primeiro número do jornal *A Ordem* tenha saído apenas em 14 de julho de 1935, suas origens remetem a anos anteriores, em 19 de março de 1933, quando D. Marcolino Dantas firmou um acordo com o Centro de Imprensa da Congregação Mariana de Moços, sociedade fundada em 30 de outubro de 1932, efetivamente confiando aos Jesuítas o apostolado da imprensa no Rio Grande do Norte.<sup>19</sup>

Por conseguinte, também devemos observar a influência da tradição e da história dessa ordem na produção do anticomunismo católico norte-rio-grandense e, não por acaso, de modo a encaminhar nosso raciocínio, cabe notar que, a Congregação Mariana de Moços, o jornal *A Ordem* e a Ação Integralista do Rio Grande do Norte – formada em sua maioria por membros da Congregação Mariana e instituída numa cerimônia que contou com a presença de D. Marcolino Dantas – foram todos criados no dia 14 de julho, mesmo dia da Revolução Francesa, não exatamente para comemorá-la.

### **A queda do Homem na Modernidade**

Segundo Gearóid Ó Thuathail, a Companhia de Jesus possui uma história e uma tradição que a diferencia das demais ordens da Igreja Católica. É uma ordem universalista que prega absoluta obediência ao papado, composta por homens vindos de diferentes culturas e origens, organizada hierárquica e militarmente. Inácio de Loyola, antes de fundar a Companhia de Jesus, participou de campanhas militares e, enquanto religioso, utilizou deliberadamente metáforas militares para descrevê-la como uma unidade de elite que possuía um general a sua frente e cujos membros deviam se pensar como soldados para Jesus e para uma Fé verdadeira.

O campo de atuação geográfico e institucional dos Jesuítas variou tremendamente e os colocou a frente dos principais desafios enfrentados pela

---

19 REMEMORANDO UM ato de alta significação. *A Ordem*, Natal, 15 ago. 1936.

Igreja Católica. Nesse sentido, seu pensamento e sua atuação apresentaram uma coerência com a sua história e tradição: os Jesuítas foram a tropa de choque da Igreja na Contrarreforma e representaram sempre o papel de uma Igreja Católica militante e organizada; seu ambiente operacional era definido a partir de um inimigo que precisava primeiro ser definido, depois confrontado e vencido. Seus objetivos eram a defesa e a propagação da verdadeira fé da Cristandade, e a consolidação e o alargamento do Reino de Cristo na terra.

A ideia de uma humanidade em crise, de uma queda do homem e da civilização, em curso desde a expulsão do Paraíso, mas agravada pela Reforma, pelo Iluminismo e pela modernidade, e exemplificada no século XX pela guerra total, pelas revoluções e pelo materialismo, contrastava abruptamente com o ideal de uma comunidade católica em que o homem encontraria a comunhão entre o espírito e a matéria. Contudo, entendia-se que essas crises deveriam ser passageiras, pois a história da humanidade é um caminho reaberto pela vinda de Cristo à terra, uma história reta em que a Igreja é a mantenedora da Civilização e dos Códigos Morais que tiveram suas origens na Grécia e em Roma, respectivamente. Portanto, a crise, fosse qual fosse sua duração, teria um fim, pois o Reino de Cristo é eterno e a Igreja compartilha essa História com a humanidade.

Esta ideia da história e o pensamento acerca da queda do homem, especialmente refinado no século XIX, foram ajustados pelos jesuítas na ação e no pensamento, os quais influenciaram, por sua vez, os outros religiosos e os intelectuais católicos.<sup>20</sup>

Em *A miragem soviética* padre J. Cabral já fazia, em 1933, a analogia entre as perseguições movidas pelos césaes com a resistência dos mártires e dos combatentes da fé, assim como apontava a contínua insurgência das falsas doutrinas e o esforço da Igreja em fazer ressurgir a civilização depois das invasões dos bárbaros. Padre J. Cabral descrevia, então, o comunismo como um desses credos, Marx como seu profeta e *O Capital* como seu evangelho. A metáfora dos ‘bárbaros modernos’ seria adotada por Paulo Herôncio e alargada no artigo “A ameaça vermelha”, publicado na edição de 20 de agosto de 1935 do diário da Diocese de Natal. Neste artigo, anterior ao Levante Comunista, Paulo Herôncio procura denunciar - a partir dos documentos que teriam sido apreendidos pela polícia na sede da A. N. L. do Rio

---

20 Ó THUATHAIL, Gearóid. “Spiritual geopolitics: Fr. Edmund Walsh and Jesuit anti-communism”. In: Dodds, Klaus & Atkinson, David. *Geopolitical Traditions: a century of geopolitical thought*. 1ª Ed. London: Routledge, 2000, p. 187-210.

de Janeiro – um plano de expansão do “imperialismo soviético” em direção ao Brasil, que utilizava a propaganda, a infiltração nas instituições e agentes estrangeiros para minar as bases da nacionalidade e “destruir o patrimônio moral da nossa gente”.<sup>21</sup>

Todavia, para a devida apreciação de *Os Holandeses no Rio Grande*, talvez seja necessário notarmos que a metáfora “bárbaros modernos” seria revista por Paulo Herôncio já em 1936 no artigo “Barbária e Civilização” também publicado no jornal ‘A Ordem’

Neste artigo, posterior ao Levante Comunista, Paulo Herôncio entendia já não ser mais possível equiparar os comunistas aos bárbaros de outrora. Se o sentido da oposição dos bárbaros à civilização romana podia ser compreendido e se a ideia de Humanidade era entrevista na convivência dos Bárbaros com a natureza e no culto que eles prestavam aos seus deuses, tais coisas não eram observáveis na atuação dos Comunistas.

Segundo Paulo Herôncio, agora estava, de um lado, o patrimônio sagrado da civilização cristã; do outro a volta do homem ao estado selvagem – o rebaixamento da personalidade humana – com o predomínio da matéria e o absolutismo das paixões; com a negação de Deus e a negação da vida futura.<sup>22</sup>

A “horda moderna”, metáfora agora utilizada por Paulo Herôncio, embora compartilhasse o mesmo legado que o cristianismo e habitasse o mesmo espaço, fazia da destruição material e simbólica do patrimônio da civilização cristã sua principal propaganda e mobilização. A identificação do mal como móvel da atividade da “horda moderna” se tornou o principal nexos por meio do qual se encaminharia, doravante, o raciocínio de Paulo Herôncio. Por conseguinte, uma reação à “fúria satânica das destruições” seria colocada em outro nível, o do combate não apenas no campo das ideias, mas também na forma da Guerra. A ideia do guerreiro católico, paradoxal, mas recorrente no pensamento da Igreja, começava a tomar forma.

Contudo, se torna necessário deter um pouco esta análise, uma vez que a diferença entre as duas metáforas utilizadas por Paulo Herôncio, além da materialidade proporcionada aos seus argumentos pelo Levante Comunista no Rio Grande do Norte, deve ser creditada, também, à recepção, entre os católicos, dos eventos da Guerra Civil Espanhola.

---

21 HERÔNCIO, Paulo. “A Ameaça Vermelha”. *A Ordem*, Natal, p.1, 20 ago.1935.

22 \_\_\_\_\_. “Barbária e Civilização”. *A Ordem*. Natal, p.1, 08 fev. 1936.

## A horda moderna

Dois grandes temas impulsionaram o pensamento católico norte-rio-grandense no período da organização do Congresso Eucarístico de São José de Mipibu, o primeiro foi a Guerra Civil na Espanha.

A Espanha era vista pela ótica de ser um país católico, tomado pelos comunistas e em que os católicos, a religião, a igreja e as suas relíquias eram mortos, perseguidos, destruídos e profanados. Sucessivas notícias no jornal *A Ordem* davam conta de atrocidades sem par e a metáfora “os novos bárbaros” era constantemente evocada em referência aos Republicanos e a reação a estes era saudada como um esforço contra os comunistas, que os católicos deveriam apoiar sem restrições.

Um episódio da luta na Espanha que moveu profundamente o imaginário católico norte-rio-grandense e suscitou manifestações mesmo em pequenas cidades do interior do estado foi a defesa do Alcázar de Toledo. Do ponto de vista jornalístico, a duração do sítio movido pelas forças republicanas ao baluarte nacionalista, setenta dias, de 22 de julho até 28 de setembro de 1936, impunha uma cobertura atualizada e quase diária. Além da sucessão de episódios dramáticos, enfatizados pelo caráter geral da Guerra Civil, uma notícia, sobretudo, magnetizou a leitura católica, prova disto é que foi repetida pelo jornal *A Ordem* no mesmo dia, no ano de 1936, em que se comemorava o padroeiro de Uruaçu, pouco depois da inauguração do Congresso Eucarístico de São José de Mipibu.

Segundo o artigo “Heroe e Martyr”, nos primeiros dias do cerco do Alcázar, o coronel José Moscardó, líder do baluarte, foi chamado ao telefone. Do outro lado da linha estavam os atacantes, que lhe comunicaram que o seu filho estava prisioneiro e que, caso o Alcázar não se rendesse, o fuzilariam imediatamente. Depois, passaram o telefone para que o filho de Moscardó falasse com o pai. Seu filho tinha lhe perguntado como deveria agir. Moscardó respondeu o seguinte: – “Diga ‘Viva a Espanha!’, ‘Viva o Cristo Rei!’ E morra como um herói”.<sup>23</sup>

Note-se que o lema do Congresso Eucarístico de São José de Mipibu, organizado por Paulo Herôncio, era: “Louvado seja o Santíssimo Sacramento”, a frase derradeira de Matias Moreira, martirizado pelos holandeses protestantes, segundo a explicação do lema que foi publicada pelo jornal *A Ordem* no mesmo dia e página que o artigo “Heroe e Martyr”.

Para que entendamos essas remissões recíprocas, devemos trabalhar o segundo grande tema que impulsionou o pensamento católico – a discussão do Tricentenário da Chegada de Nassau a Pernambuco.

23 \_\_\_\_\_. “Heroe e Martyr”. *A Ordem*. Natal, p.4, 07 nov. 1936.

## A discussão do Tricentenário da Chegada de Nassau a Pernambuco

Desde maio de 1936 o jornal *A Ordem* havia inaugurado um debate com a participação dos principais intelectuais norte-rio-grandenses a respeito das comemorações da chegada de Nassau a Pernambuco, que então estavam sendo promovidas pelo governo daquele estado. O debate incluía um problema diretamente ligado ao Rio Grande do Norte, a disputa acerca da naturalidade de Felipe Camarão, disputada também pelos historiadores pernambucanos, especificamente àqueles ligados ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

O debate norte-rio-grandense refletia ainda duas discussões que concomitantemente estavam sendo travadas no nível nacional: uma dizia respeito à revisão da história da Invasão Holandesa; outra, ao pleito por maior autonomia estadual, que estava sendo feito não apenas por Pernambuco, mas também por outros estados.

De modo geral, os intelectuais católicos criticavam o fato que Nassau era visto como pertencente à História brasileira, sendo esquecida a sua condição de invasor e o papel que desempenhou enquanto um agente dos colonizadores, executando uma política de perseguição dos nacionais, da cultura lusitana e da religião católica. Sobretudo, os intelectuais católicos apontavam que os revisionistas, subjugados pelo exotismo, descuidavam do nacional e das figuras que teriam forjado o nacionalismo, posição que contrastava com a sobrevalorização que faziam de certos aspectos pontuais como, por exemplo, as contribuições de Nassau à arquitetura de Recife. No particular, alguns intelectuais norte-rio-grandenses colocavam que, por essa leitura, notadamente pernambucana, se cuidava de apontar a compreensão e a caracterização de toda uma Região.

Se a leitura dos intelectuais católicos em nível nacional pode ser entendida como parte de um discurso que identificava a Igreja com o Estado brasileiro, cujas origens devem ser buscadas a partir de 1916 e nos insumos da Neocris-tandade, devo esclarecer que a leitura dos intelectuais norte-rio-grandenses buscava se juntar à compreensão dos intelectuais católicos nacionais a partir do descolamento das posições pernambucanas e regionais, especialmente por meio da ênfase na pertinência de uma leitura da Invasão Holandesa a partir da periferia da Região. Este esforço era notável, principalmente se pensarmos na força não apenas econômica, mas também cultural de Pernambuco em relação ao Rio Grande do Norte, haja vista que, à exceção de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, governador do estado na década de 1890, toda a elite norte-rio-grandense fora formada nos bancos da faculdade de Recife.

Observe-se que *Os Holandeses no Rio Grande* de Paulo Herôncio recorta o tema da Invasão Holandesa justamente no espaço e no período que permitem dizer de uma especificidade dessa presença, predatória, genocida e essencialmente imperialista, inclusive do ponto de vista econômico, sublinhada pelas perseguições aos naturais e aos costumes, movidas pelos holandeses e seus agentes. Estes agentes, traidores e estrangeiros eram representados na figura de Calabar, o traidor que possibilitara aos holandeses capturar o Forte dos Reis Magos e perpetrara o massacre de Ferreiro Torto; e na de Jacob Rabbi, o judeu que liderara o extermínio dos naturais em Uruaçu e Cunhaú.

### Jacob Rabbi

Para compreendermos o alcance das escolhas de Paulo Herôncio e também a recepção de *Os Holandeses no Rio Grande*, torna-se necessário explicitar mais a cena de produção<sup>24</sup> em que estavam inseridos, no caso, perscrutando a interação e o diálogo com intelectuais, obras, ideias e movimentos político-sociais. Nesse sentido, é interessante colocar que as indagações do crítico, ou seja, daquele que examina a historiografia e sua história, devem levar em conta não apenas os elementos integrantes da obra, mas também aqueles que, deliberadamente não foram incluídos pelo autor em seus argumentos e interpretação. Para isto, vou colocar, resumidamente, a cena de produção em que o livro de Paulo Herôncio se insere.

24 O conceito de *Cena* condensa uma série de posições e de questões esboçadas por Jacques Derrida desde meados da década de 1960, quando procurava estabelecer o diálogo e uma aproximação com o pensamento de Martin Heidegger. Inserida por Derrida no projeto da desconstrução e desenvolvida nos livros 'Gramatologia', 'A escritura e a diferença' e 'A voz e o fenômeno - Introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl', essa aproximação de Jacques Derrida colocada por meio do deslocamento para a Linguagem do sentido emprestado ao Ser por Heidegger. Este deslocamento foi pensado por meio da ideia da *arquiescritura*, o sentido pré-linguístico que precederia a inscrição da linguagem seja enquanto fala seja como escrita, caracterizado pelo movimento e pela abertura dos signos, que colocaria o que podemos chamar de um *Ser dos seres* enquanto resposta ao *Ser* de Heidegger (ver KATES, Joshua. *Essential History: Jacques Derrida and the Development of Deconstruction*. Evanston: Northwestern University Press, 2005, p. 193). A problematização da *arquiescritura* abriria, por conseguinte, como uma única e mesma possibilidade, a temporalização e a relação com o outro (ver DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004, p. 73), reconhecendo-se que sua analítica teria de lidar com a *monstruosidade* da interpretação, ou seja, que a interpretação seria mais um amálgama do que uma síntese, na medida em que se teria de lidar com o heterogêneo, o contraditório, e com o movimento que permitiria a hibridização destes (ver DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. 3ª Ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, p. 249; DERRIDA, Jacques & WEBER, Elisabeth. *Points ...: Interviews, 1974-1994*. Stanford: Stanford University Press, 1995, pp. 385-386). Jacques Derrida pensa, assim, uma temporalidade inteligida por uma *cena da história* que considera primeiro o jogo do mundo, a abertura total que prefigura a rede, para depois considerá-lo enquanto jogo no mundo, ou seja, como uma *cena de produção* com sua subsequente operação, inscrição e disseminação.

Já expliquei anteriormente que a Ação Integralista no Rio Grande do Norte foi formada, em grande parte, por integrantes da Ação Católica e que o jornal *A Ordem*, diário oficial da Diocese de Natal, era editado por pessoas ligadas simultaneamente aos dois movimentos. Otto de Brito Guerra, o redator-chefe do jornal *A Ordem*, por exemplo, foi o primeiro signatário do “Manifesto de Recife”, divulgado em 24 de novembro de 1932, em apoio ao “Manifesto de Outubro” de Plínio Salgado, provavelmente o primeiro apoio recebido por Plínio Salgado fora do estado de São Paulo. Para que tenhamos ideia da importância desse engajamento, Luís da Câmara Cascudo, o outro grande nome do integralismo norte-rio-grandense, somente aderiu ao integralismo já em meados de 1933 e, por influência direta de um dos principais líderes do integralismo, Gustavo Barroso.

Se, por um lado, o jornal *A Ordem* vai ser o principal divulgador das posições de pensadores católicos como Paulo Herôncio e padre J. Cabral e de integralistas militantes como Otto Guerra, os textos de Câmara Cascudo não foram publicados no jornal *A Ordem* até o fim do Integralismo, embora sua atuação na Ação Integralista norte-rio-grandense tenha se tornado significativamente maior a partir de fevereiro de 1937, depois da intervenção da direção nacional na chefia estadual.

Seria justamente um dos escritos de Câmara Cascudo que colocaria algumas das posições mais extremadas do debate intelectual e político em que *Os Holandeses no Rio Grande* se inseria. O principal argumento de “O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte”, publicado em meados de 1936 por Câmara Cascudo, era que o Brasão desenhado por Nassau para a Capitania do Rio Grande (Figura 1) refletia as alianças políticas dos holandeses. No caso, o elemento central do brasão, um Avestruz, representaria o chefe indígena Janduí, cujo nome, em tupi, significa avestruzinho.<sup>25</sup> Também em “O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte” os acontecimentos de Cunhaú e Uruçu são trazidos para o centro da explicação e nesta se ressalta, comparado com a produção historiográfica anterior, o tom a partir do qual, segundo Câmara Cascudo, é apresentado Jacob Rabbi:

[...] um judeu de lenda, clássico, sem escrúpulos, malvado, ladrão, saqueador, intrigante, covarde. É o mentor dos Janduís [...]. De um lado espalha o pavor, impossibilitando uma coligação dos colonos em ajuda ao levante que estalara em Pernambuco. Doutro lado, o comerciante judeu auferiria lucros, seguros e

---

25 CASCUDO, Luis da Câmara. “O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Natal, v. XXXV-XXXVII, 1938-1940. Natal: Typ. Santo Antônio, 1941, p. 81-97.



vastos, comprando a baixo preço ou arrematando de graça os bens confiscados aos portugueses. As matanças inúteis traziam lucros. Rabbi nunca perdeu ocasião de negociar bem.<sup>26</sup>

Figura 1 – Brasão da Capitania do Rio Grande



Fonte: CARVALHO, Alfredo de. “Os Brasões d’Armas do Brasil Holandês”. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, Recife, v. XI, n. 61, p. 574-589, mar. 1904.

Três problemas historiográficos devem aqui ser colocados de modo a seguirmos esta reflexão sobre *Os Holandeses no Rio Grande*.

Primeiro, antes de 1871, ou melhor, antes da *História das lutas com os Holandeses no Brasil* de Varnhagen, Jacob Rabbi era apenas referido como holandês, flamengo ou alemão, jamais como judeu. Varnhagen inaugura uma nova forma de se referir a Jacob Rabbi, no caso, como “israelita”.<sup>27</sup> Contudo, seria Rocha Pombo que, em 1905, na sua *História Geral do Brasil* passaria a se referir a Jacob Rabbi como “judeu”.<sup>28</sup> A partir daí essa designação seria consagrada em outras obras, como na de Alfredo de Carvalho “Um intérprete

26 CASCUDO, Luis da Câmara. “O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Natal, v. XXXV-XXXVII, 1938-1940. Natal: Typ. Santo Antônio, 1941, p. 91.

27 VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História das Lutas Contra os Holandeses no Brasil desde 1624 a 1651*. 1ª Ed. Viena: Imp. de Carlos Finsterback, 1871, p. 208.

28 POMBO, José Francisco da Rocha. *História do Brasil*. 1ª Ed. v. 4. Rio de Janeiro: J. Fonseca Saraiva Editor, 1905, p. 536.

dos Tapuias”<sup>29</sup>, de 1909 e na *História do Brasil* de Raphael Maria Galanti, de 1911.<sup>30</sup> Contudo, nenhum desses autores jamais lançou mão de uma adjetivação como a que Câmara Cascudo utilizou para se referir, não mais a Jacob Rabbi, mas aos judeus. Como explicá-la, ou ainda, como ligá-la à cena de produção de *Os Holandeses no Rio Grande*?

O segundo problema historiográfico seria em relação ao escrito de Câmara Cascudo. Este se colocava em meio ao debate a respeito das comemorações do tricentenário da chegada de Nassau a Pernambuco e, embora não citasse Alfredo de Carvalho em seu escrito, a não ser para corroborar sua tradução do nome de Janduí como avestruzinho, era a partir das obras desse autor, um dos principais redatores da *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, que Câmara Cascudo trabalhou em “O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte”.

As informações acerca dos brasões holandeses, suas figuras e sua explicação estão no artigo “Os brazões d’armas do Brasil Holandês – 1638”,<sup>31</sup> enquanto a biografia de Jacob Rabbi e a explicação do nome Nhandui (e não Janduí, que segundo Alfredo de Carvalho seria apenas a mutilação do nome Nhandui pelos autores contemporâneos) estão, por sua vez, no artigo “Um intérprete dos Tapuios – 1637-1647”.

Neste último artigo, Alfredo de Carvalho qualifica Jacob Rabbi como “o herege da abominável seita deicida”,<sup>32</sup> antes mesmo de descrever sua atuação nos episódios de Cunhaú e Uruaçú. Embora essa adjetivação antissemita somente seja utilizada nessa parte do artigo, caracteriza-se um precedente para a apreciação de Câmara Cascudo. Contudo, o que diferencia os artigos de Alfredo de Carvalho do escrito de Câmara Cascudo é que o autor norte-rio-grandense distingue Nassau como um agente colonial cuja atuação e homenagens endossaram os feitos de Jacob Rabbi e Janduí-Nhandui. Essa percepção fica ainda mais ressaltada na medida em que Câmara Cascudo, ao contrário de Alfredo de Carvalho, enxergou na Ema-Avestruz do brasão da Capitânia do Rio Grande apenas um símbolo da selvageria dos antagonistas da Civilização, utilizando para o endosso desta interpretação até mesmo ele-

---

29 CARVALHO, Alfredo de. “Um Intérprete dos Tapuios: 1637-1647”. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, Recife, v. XIV, n. 75, p. 657-667, mar. 1909.

30 GALANTI, Raphael Maria. *História do Brasil*. 1ª Ed. v. 2. São Paulo: Duprat & Comp., 1911, p. 317.

31 CARVALHO, Alfredo de. “Os Brazões d’Armas do Brasil Holandês”. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, Recife, v. XI, n. 61, p. 574-589, mar. 1904.

32 \_\_\_\_\_. “Um Intérprete dos Tapuios: 1637-1647”. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, Recife, v. XIV, n. 75, p. 660, mar. 1909.

mentos que haviam sido descartados no exame de Alfredo de Carvalho por serem impossíveis de determinar, como, por exemplo, o emprego das cores nos brasões de Nassau.<sup>33</sup> Esclarecido o segundo problema historiográfico, passemos ao terceiro.

Em 1936, dois anos depois de já estar publicado o livro *Brasil - Colônia de Banqueiros*,<sup>34</sup> Gustavo Barroso lançou a tradução anotada de *Os Protocolos dos Sábios de Sião*,<sup>35</sup> livro sabidamente fabricado como propaganda antissemita e que havia sido divulgado intensivamente pelos Nazistas na Alemanha antes mesmo de sua chegada ao poder. No mesmo ano de 1936, Gustavo Barroso começou a escrever *A História Secreta do Brasil* em que aponta a influência negativa dos judeus sobre o desenvolvimento do país.<sup>36</sup> O primeiro volume deste livro já estava pronto desde pelo menos setembro de 1936 e, antes mesmo de ser lançado nas livrarias, partes de seus capítulos foram publicadas no jornal *A Offensiva*, no qual Câmara Cascudo também escrevia. Em *A História Secreta do Brasil*, apontando Jacob Rabbi e os acontecimentos de Uruçu, Gustavo Barroso explica a atuação de Nassau a partir de sua associação com os capitalistas judeus e compara as atrocidades de Jacob Rabbi às da “Tcheka judaico-comunista” e às de Bela Kun, líder da revolução comunista de 1919 na Hungria, completando, por conseguinte, a ligação, já iniciada nas obras anteriores, entre a Revolução Francesa, a Maçonaria, os Judeus e os Comunistas.<sup>37</sup> Essa ponte com o anticomunismo e o pensamento católico, possibilitada pela publicação, já em 1931, do livro *As forças secretas da Revolução* de León de Poncins,<sup>38</sup> foi completada por Gustavo Barroso somente em 1937 com o lançamento de *Integralismo e Catolicismo*.<sup>39</sup>

Assim, a interpretação que juntava o complô judaico-maçom-comunista destinado a controlar o Brasil e o mundo com uma reflexão da reunião

---

33 CARVALHO, Alfredo de. “Os Brazões d’Armas do Brasil Holandês”. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*. Recife, v. XI, n. 61, p. 587 mar. 1904.

34 BARROSO, Gustavo. *Brasil - Colônia de Banqueiros: (História dos empréstimos de 1824 a 1934)*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

35 \_\_\_\_\_. *Os protocolos dos Sábios de Sião; o imperialismo de Israel, o plano dos Judeus para a conquista do mundo, o código do Anti-Cristo, provas de autenticidade, documentos, notas e comentários*. São Paulo: Agência Minerva, 1936.

36 \_\_\_\_\_. *História Secreta do Brasil. P. 1 Do descobrimento à abdicação de D. Pedro I*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1937.

37 \_\_\_\_\_. *História Secreta do Brasil. P. 1 Do descobrimento à abdicação de D. Pedro I*. 1ª Ed. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Museu Nacional, 1958, p. 56-57.

38 PONCINS, León de. *As Forças Secretas da Revolução*. 1ª Ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1931.

39 BARROSO, Gustavo. *Integralismo e Catolicismo*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1937.

entre integralismo e o catolicismo seria completada por Gustavo Barroso justamente nas obras de 1937, dentre elas, *Reflexões de um Bode*<sup>40</sup> e, especialmente, no seu prefácio para o livro *A Questão Judaica* de padre J. Cabral.<sup>41</sup> O prefácio de Gustavo Barroso e mais algumas partes dos capítulos do livro do padre J. Cabral seriam publicados pelo jornal *A Ordem* a partir de outubro de 1937, mas, sabemos que o livro *A Questão Judaica* já estava pronto desde outubro de 1936.

Por conseguinte, sabendo-se que *Os Holandeses no Rio Grande* foi escrito nos primeiros meses de 1937 e que somente foi publicado em setembro desse ano, é obrigatório considerar que esta obra dialogou tanto com o escrito de Câmara Cascudo quanto com os livros de padre J. Cabral e Gustavo Barroso. Também se faz necessário perceber que *Os Holandeses no Rio Grande* foi recebido a partir da circulação e do debate daquelas ideias no Rio Grande do Norte, principalmente porque necessariamente se inseria no circuito que então reunia os integralistas e os católicos no estado.

Prova disto é que nas páginas do jornal *A Ordem* de 5 de março de 1935 Paulo Herôncio criticou *A História Secreta do Brasil* apontando que Gustavo Barroso errara em afirmar que alguns daqueles que estavam em Uruaçu haviam cometido suicídio. Paulo Herôncio argumenta que não havia suporte dessa afirmação em nenhum dos comentadores ou historiadores da Invasão Holandesa e finalizava, ao contrário do argumento de Gustavo Barroso em *A História Secreta do Brasil*, empregando o mesmo tom que utilizaria em *Os Holandeses no Rio Grande*.

Para Paulo Herôncio, os acontecimentos de Uruaçu haviam sido causados pelo “ódio herético dos flamengos” e em relação a Jacob Rabbi repetem apenas o tratamento consagrado por Rocha Pombo. Escolhe também não estigmatizar os indígenas, como havia feito Câmara Cascudo e não fazer a ligação com os comunistas, como preferiu padre J. Cabral.<sup>42</sup> Contudo, como seu livro dialogou com os demais escritos e ideias? Como *Os Holandeses no Rio Grande* foi reunido ao debate? Ao final, sabemos no que Gustavo Barroso investiu; que Jacob Rabbi foi agregado ao texto de vários dos livros de Câmara Cascudo; e que padre J. Cabral entendeu que os mártires eram a imagem, tornada possível, da resistência contra os invasores comunistas, filão principal de sua obra política.

---

40 BARROSO, Gustavo. *Reflexões de um Bode*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Gráf. Educadora Limitada, 1937.

41 CABRAL, Padre J. *A Questão Judaica*. 1ª Ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

42 HERÔNCIO, Paulo. Gustavo Barroso e os Mártires de Uruassú. *A Ordem*, Natal, p.1, 05 mar. 1937.

## “Duas Palavras”

Voltemos a “Duas Palavras”, o prefácio de padre J. Cabral. Afinal, qual é a função do prefácio em um livro? Introduzir o texto, reunir o escrito com aquilo que o precedeu, reapropriar o seu conteúdo? Tudo isso ao mesmo tempo?

Padre J. Cabral intitulou o prefácio escrito para a 1ª edição de *Os Holandeses no Rio Grande* como “Duas Palavras” e sua explicação não se depreende do seu texto. Devemos abandoná-lo? Devemos procurar seu sentido no texto do livro de Paulo Herôncio? Devemos integrá-lo à cena de produção norte-rio-grandense?

Uma das partes mais lembradas do livro de Paulo Herôncio é o capítulo “Heróis e Mártires”, em que descreve, com cores vivas e detalhes aterradores, o acontecido em Uruaçu. O ponto culminante desse capítulo é justamente o suplício de Matias Moreira, e sua frase derradeira, uma confissão de fé que é destacada em caixa alta do corpo do texto:

Matias Moreira, quando lhe abriram as costas e lhe tiraram o coração, ainda pôde exclaimar, numa sublime confissão de fé: – “LOUVADO SEJA O SANTÍSSIMO SACRAMENTO”.<sup>43</sup>

O último capítulo da 1ª edição de *Os Holandeses no Rio Grande* é a descrição da vitória, mas também a exaltação de um herói combatente, um guerreiro católico, Felipe Camarão. Paulo Herôncio escreve que: “Felipe Camarão não entrava em combate sem primeiro fortalecer a coragem com os sacramentos e a oração”,<sup>44</sup> ou seja, com o mesmo Jesus-Hóstia, o Santíssimo Sacramento exaltado por Matias Moreira.

A frase derradeira de Matias Moreira, “Louvado seja o Santíssimo Sacramento” também presente no escudo do 2º Congresso Eucarístico do Rio Grande do Norte, realizado em Currais Novos em outubro de 1937, apenas um mês depois do lançamento do livro de Paulo Herôncio (Figura 2).

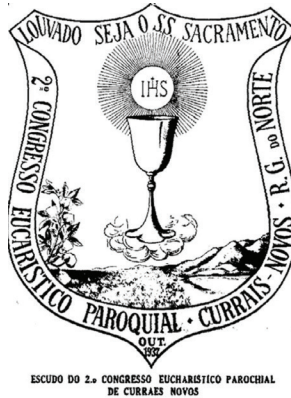
No centro do escudo está a imagem do Santíssimo Sacramento; na parte de baixo, a paisagem do Rio Grande do Norte, com suas águas, o terreno agriculturável, as montanhas e um ramo de algodão representando as riquezas do estado. Note-se que o escudo do 2º Congresso (Figura 2) se asse-

43 HERÔNCIO, Paulo. *Os Holandeses no Rio Grande*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1937, p. 78.

44 *Ibid.*, p. 106.

melha, mas também se afasta admiravelmente do brasão da Capitania do Rio Grande (Figura 1): na parte de baixo do escudo, as mesmas águas, o mesmo solo; mas, no centro do escudo, o Avestruz cede lugar à imagem do Santíssimo Sacramento.

Figura 2 – Escudo do Congresso Eucarístico de Currais Novos



Fonte: jornal *A Ordem*, 11 nov. 1937.

O sentido de representação deve ser recolocado aqui. Representar não refere-se apenas a um sentido passivo – apresentar algo mais complexo por meio de um objeto, também alude a um sentido ativo, ou seja, de re-apresentar sentidos, de atravessar objetos, de torná-los operantes, enfim, de transformá-los também a partir das condições de sua apresentação, no caso, no confluxo do mito e da razão.<sup>45</sup>

45 Aqui trabalho o conceito de *Khôra* a partir da compreensão de Jacques Derrida, visando discutir um sentido de investigação da História Local e Regional: o da produção de espacializações. Procuo aproximar a compreensão derridiana do campo da História por meio de um estudo de caso, o exame da invenção da identidade católica na espacialidade norte-rio-grandense e, apontamos que a beatificação dos Protomártires do Brasil é sua consequência direta. Essa *espacialização* é uma operação em que vários espaços e tempos foram tomados conjuntamente – outras espacializações, locais, regionais e nacionais. Por meio deste estudo, entendo que o sentido da Espacialização não é apenas passivo ou dirigido, mas ativo e também reflexivo. Toda espacialização é uma des-espacialização e uma des-constituição de outras espacializações precedentes ou contemporâneas e que, enquanto desloca – ativa e masculinamente –, a espacialização também recebe e concebe – passiva e femininamente –, possibilitando-se, deste modo, o deslizamento do tempo para a alocação do inventado, fabricado ou reelaborado – o Mito. Assim, a espacialização é a *operação* em que vários espaços e tempos locais, regionais e nacionais são conjuntamente tomados/recebidos. Na Operação, o *espaçamento do tempo* – como no sonho –, permite-nos dizer da investigação do espaço e do tempo na “cumplicidade, de sua origem comum” e desse comparecer “como condição de todo aparecer do ser”, inserido, portanto, no diálogo de Jacques Derrida com Heidegger apontado (ver as notas 6 e 7 deste artigo). Finalmente, é nesse sentido de com-parecimento

Em *Os Holandeses no Rio Grande* se trabalharam antigos textos de modo a reoperar sua funcionalidade e recolocar suas possibilidades, acrescentando-se, nesta operação, outras tessituras. Tornado operante a partir de sua espacialização, o sentido católico da história foi dotado de um sentido de contemporaneidade com o tempo de sua escrita, com sua cena de produção: o livro de Paulo Herôncio mostra o pequenino Rio Grande do Norte oferecendo a Pernambuco, à Região e à Nação o caminho de sua salvação e o rumo para sua reconstrução.

Assim como fora possível pensar a imagem do Avestruz a partir da ideia do agenciamento dos naturais pelo estrangeiro predador, o catolicismo pôde deixar de ser mostrado como um legado dos portugueses para ser reapresentado como uma inspiração universal, uma escolha do povo e uma dádiva à terra norte-rio-grandense, ao fim tornada sagrada pelo sangue dos seus Mártires e pela bravura também sagrada de Felipe Camarão – daqueles que foram sacrificados e daqueles que combateram até o fim, “por Deus, pela Pátria e pelo Rei”.<sup>46</sup>

Artigo recebido para publicação em: 20/11/2013

Artigo aprovado para publicação em: 07/05/2014

---

que pretendo situar um sentido de investigação da História Local e Regional, o das operações que produzem as identidades e as espacialidades, compreendendo que isto permite também aventar uma função da História da Historiografia do Local e do Regional, a de descortinar as espacializações que daí se produzem. Ver em relação ao ponto do diálogo de Jacques Derrida com Heidegger aqui colocado DERRIDA, Jacques. “OUSIA E GRAMME – Nota sobre uma nota de *Sein und Zeit*” In *Margens da Filosofia*. 1ª Ed. Campinas, Papirus, 1991, p.77 e p. 93. A respeito da compreensão derridiana de Khôra ver do mesmo autor. *Khôra*. 1ª Ed. Campinas: Papirus, 1995.

46 HERÔNCIO, Paulo. *Os Holandeses no Rio Grande*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1937, p. 106.